

## **TRANSCRIÇÃO PGM 6 “NO CAMINHO DO BEM” - PGM DINHEIRO E CONSUMO**

### **01:00:15:00 - 01:00:35:10 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sérgio Besserman: Nós nascemos brasileiros, latino americanos, africanos, europeus, cariocas, paulistanos, catarinenses, nos tornamos artistas, acadêmicos, empresários, liberais, conservadores, progressistas, mas primordialmente somos seres humanos.

### **01:00:35:10 - 01:00:46:08 - ON**

Sérgio Besserman: E nós, os 7 bilhões de seres humanos que povoamos o planeta terra, estamos conscientes que assim como nascemos, um dia também morreremos.

### **01:00:46:08 - 01:00:56:22 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sérgio Besserman: De que nos serve essa consciência se não pudermos desafiar, explicar ou pelo menos nos confortar diante o fim inevitável?

### **01:00:56:22 - 01:01:03:27 - ON**

Sérgio Besserman: Então nós, seres racionais, mas também sensíveis, emocionais, criamos as religiões.

### **01:01:03:27 - 01:01:09:20 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sergio Besserman: Apesar das diferenças ideológicas, filosóficas, culturais...

### **01:01:09:20 - 01:01:17:00 - ON**

Sérgio Besserman: todas elas buscam explicar os mistérios da nossa trajetória e com isso nos trazem abrigo, alívio, acolhimento.

### **01:01:17:00 - 01:01:28:16 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sérgio Besserman: Assim nos tornamos também católicos, muçulmanos, candomblecistas, evangélicos, judeus, espiritas, agora guiados por alguma luz no caminho.

### **01:01:28:16 - 01:01:46:17 - ON**

Sérgio Besserman: Pronto, problema resolvido. Só que nós, tão humanos, ficamos fascinados pelas luzes e perdemos a direção. Muitas vezes ofuscados, não nos demos conta que todos nos levam no mesmo sentido, no mesmo caminho.

### **01:01:46:17 - 01:01:52:18**

VINHETA DE ABERTURA ‘NO CAMINHO DO BEM’

### **01:01:52:18 - 01:02:00:17 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sérgio Besserman: Um dia a humanidade descobriu a cura para todos os males

**01:02:00:17 - 01:02:17:14 - ON**

Sérgio Besserman: Juntar dinheiro, comprar, ter, acumular coisas, para tapar os buracos existenciais que todos nós temos. Você já se perguntou porque nós fazemos isso? Porque nos premiamos com coisas que, muitas vezes, sequer precisamos?

**01:02:17:14 - 01:02:22:29 - OFF IMAGENS DE COBERTURA NATALIA NO SHOPPING**

Natália Coutinho: Eu não sabia

**01:02:22:29 - 01:02:24:19 - ON**

Natália Coutinho: lidar com o meu dinheiro.

**01:02:24:19 - 01:02:26:26 - OFF IMAGENS DE COBERTURA NATALIA NO SHOPPING**

**01:02:26:26 - 01:02:33:29 - ON**

Ronilso Pacheco: É possível pensar no consumo, não a partir de você, mas como você pode com ele servir ao outros, entendeu.

**01:02:33:29 - 01:02:36:09 - OFF IMAGENS DE COBERTURA RONILSO TRABALHANDO**

**01:02:36:09 - 01:02:44:23 - ON**

Júnior Oxoguan: O Candomblé vai pensar o consumismo como parte da construção do humano.

**01:02:44:23 - 01:02:49:25 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FESTA DE INSÃ**

**01:02:49:25 - 01:03:12:29 - ON**

Sérgio Besserman: Quanto dinheiro precisamos juntar para ficarmos tranquilos? Quanto precisamos consumir para nos sentirmos completos? Será que entendemos as consequências disso para o nosso planeta? No episódio de hoje de No Caminho do Bem, diferentes doutrinas nos revelam como orientam fiéis e devotos em relação ao dinheiro e ao consumo.

**01:03:12:29 - 01:03:20:08 - VINHETA NO CAMINHO DO BEM – APRESENTAÇÃO ASSUNTO DO DIA: DINHEIRO E CONSUMO**

**01:03:20:08 - 01:03:32:02 - OFF IMAGENS DE COBERTURA NATALIA NO SHOPPING**

Natália Coutinho: Eu nunca tive uma religião. Meus pais sempre

**01:03:32:02 - 01:03:43:04 - ON**

Natália Coutinho: Me deixaram muito livre, assim. E eu era de uma cidade no interior. Então, eu também não tinha muitas opções, não tinha interesse em praticar nada, sempre fui livre.

**01:03:43:04 - 01:03:48:19 - OFF IMAGENS DE COBERTURA RIO DE JANEIRO**

Natália Coutinho: Bom, eu e minha família

**01:03:48:19 - 01:03:57:14 - ON**

Natália Coutinho: minha mãe, mais precisamente, a gente nunca soube lidar com o dinheiro. Acho que a gente nunca respeitou o dinheiro.

**01:03:57:14 - 01:04:06:05 - OFF IMAGENS DE COBERTURA RIO DE JANEIRO**

Natália Coutinho: Então, quando eu me mudei pro Rio, era uma situação que eu vim com uma mão na frente e outra atrás. Sem dinheiro mesmo.

**01:04:06:05 - 01:04:53:04 - ON**

Natália Coutinho: Tem um fato, assim, que era. Tinham lançado um celular, todo moderno, e o celular custava mil e duzentos reais, na época. E eu que pagava meu aluguel, minha faculdade. E eu ganhava, em média, um salário de vendedora era mil e quinhentos reais. Ai eu falei “Mãe, eu quero tanto esse celular” “Compra minha filha, parcela, você merece, você trabalha tanto”. Só que não é bem assim né. Não é parcela, não é você trabalha, você merece. Eu arqueei com isso depois. Não só pelo valor do celular, mas eu arqueei com o sofrimento que essa ação me fez. Porque eu agi de forma impulsiva, eu comprei uma coisa que eu não poderia ter comprado.

**01:04:53:04 - 01:05:07:04 - OFF IMAGENS DE COBERTURA NATALIA REZANDO**

Natália Coutinho: Eu conheci o budismo através de uma amiga. Ai eu frequentei algumas vezes, achei

**01:05:07:04 - 01:05:15:13 - ON**

Natália Coutinho: interessante e continuei frequentando só quando eu tinha algum interesse, quando eu queria concretizar algum objetivo.

**01:05:15:13 - 01:05:30:29 - OFF IMAGENS DE COBERTURA NATALIA REZANDO**

Natália Coutinho: Mais tarde, eu vim a conhecer uma outra amiga que também praticava

**01:05:30:29 - 01:06:01:17 - ON**

Natália Coutinho: uma outra amiga que também praticava o budismo de “nitrem”. Eu admirava muito a postura dessa amiga, a Renata. Renata tava sempre firme, sempre forte, nada abalava a Renata. Ai a Renata me chamou para ir a uma reunião budista e ai, através da postura da Renata, eu falei “caramba, eu quero ser como ela, eu quero essa postura”. Ai eu comecei a frequentar de fato o budismo.

**01:06:01:17 - 01:06:14:24 - OFF IMAGENS DE COBERTURA NATALIA REZANDO**

Sérgio Besserman: A sociedade contemporânea vive focada na

**01:06:14:24 - 01:09:04:22 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E RABINO DARIO**

Sérgio Besserman: aquisição de bens materiais, o sonho de muitas pessoas é adquirir cada vez mais e consumir, seja pelo usufruto seja para demonstrar status. Como a Torá enxerga essa questão? Como o judaísmo orienta o comportamento em relação ao dinheiro?

Rabino Dario Bialer: O desejo do ser humano é uma força muito poderosa na vida, que não deve ser subestimada. É muito positivo os seres humanos terem desejos. A problemática, referente ao consumo,

tem a ver quando esse desejo se torna nocivo, quando desenfreado. Eu identifico na Torá, na Bíblia, o primeiro momento de Adão e Eva, no paraíso, como pessoas que nasceram no berço de ouro, eles tinham de tudo, eles não precisavam de mais nada, tinham fartura de tudo que podiam precisar. E, se lembramos a história bíblica, de um único fruto desse paraíso eles não podiam comer e foi exatamente isso o que o desejo os levou a querer. Eu insisto, o desejo não necessariamente é errado, pelo contrário, uma força que nos impulsiona a avançar, a crescer, a nos superar. Mas, lembrando da situação do paraíso, a conclusão é que eles queriam comer desse fruto para ser como Deus. E aí está a chave do problema: quando o ser humano não pretende ser humano e se pretende ser deus. Então, nesse ponto, quando já temos de tudo e queremos ainda mais, evidentemente esse consumo vai ser completamente nocivo, porque não vai existir produto algum que consiga nos devolver tudo o que almejamos ter. Porque sempre, entre o objeto ideal e o objeto real vai existir uma distância e nunca o objeto real vai conseguir preencher todas as nossas necessidades, porque as nossas necessidades também encerram as nossas carências. Quando uma pessoa não tem limite no seu consumo, seguramente isso está expressando carências de outro tipo na sua vida, que essa pessoa não consegue resolver e coloca em consumir todas as suas expectativas de ter uma vida feliz.

**01:09:04:22 - 01:09:10:08 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Natália Coutinho: Era impulso, né, era uma

**01:09:10:08 - 01:10:04:05 - ON**

Natália Coutinho: felicidade relativa porque eu ficava feliz naquele momento e o budismo fala muito sobre felicidade relativa e felicidade absoluta. Naquele momento, que eu comprei o celular, eu tava feliz. Mas era uma felicidade relativa, porque aquele celular ia perder o frescor dele, a novidade dele, eu já ia ter a necessidade de ter uma outra coisa. Então eu nunca ia tá satisfeita. Eu sempre ia querer estar buscando algo a mais. O problema não é você desejar as coisas, não é você ter o desejo de ter, o problema é que eu tinha que criar uma consciência de que, naquele momento, eu não poderia ter aquilo, ou não poderia ter aquilo daquela maneira, talvez eu tivesse que juntar um dinheiro, me planejar, esse era o comportamento que eu repetia, que a gente chama de carma, que me fazia sofrer.

**01:10:04:05 - 01:10:10:25 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sérgio Besserman: Helio, vivemos num mundo

**01:10:10:25 - 01:13:31:09 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E HELIO DALDEGAN**

Sérgio Besserman: muito materialista, talvez, o deus consumo seja o deus de todos, isso tem a ver com a história, com a revolução industrial, e com o Newton, o pensamento determinista e o mecanismo. Em que sentido a física quântica abala os alicerces materialistas da vida contemporânea?

Helio Daldegan: É, eu acho que a vida contemporânea, nossa vida, os processos sociais todos eles estão baseados em competição, competição que cada vez se exacerba mais com a preocupação, cada vez menor, pela cooperação. Mas, esse antigo paradigma materialista que, como você lembrou, nasceu com Newton, apesar de Newton não ser materialista, nasceu com Newton. Com o trabalho também, reforçado, pelo trabalho e pelas descobertas de Darwin, porque Darwin ressaltou também a sobrevivência do mais apto, levando a acreditar nessa necessidade de competir, também, para ter

sucesso. Mas, tudo isso está passando por uma profunda reavaliação diante dos conceitos que estão surgindo pela física quântica. O fato de que tudo está interligado, em um nível ou outro, há uma interligação forte. E essa interligação faz com que a gente acredite, agora no contexto científico, que aquilo que você faz influencia tudo mais que está acontecendo no Universo, em determinado nível, se é próximo de você, mais, obviamente, nas pessoas que você gosta, na sua Nação, no seu grupo. Então, o princípio da cooperação é fundamental e isso tá se percebendo não só na física, mas também na biologia, em todas as áreas do conhecimento. E eu acredito que, a medida que se aprofunda essa percepção de que nós somos seres espirituais, que na verdade não há matéria, que tudo tá interconectado, que tudo que a gente faz afeta tudo mais, que colaborar é a melhor forma de ser feliz. Então, cada vez mais isso pode ser incentivado, mas acontece que as forças do materialismo ainda são muito fortes, são muito fortes, toda a máquina vigente valoriza isso, a competição, isso tem que se um processo gradual que tem que ser alcançado. É um processo que já foi revelado pela filosofia perene, já foi revelado pela espiritualidade, mas que infelizmente ainda não conseguiu alcançar um nível mais... Sérgio Besserman: Newton e Darwin que não eram... não tinham essa visão da competição foram cooptados por um sistema completamente competitivo, que só pensa em ter e maximizar. Helio Daldegan: Sim, valorização da matéria, que não existe.

#### **01:13:31:09 - 01:13:43:19 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Ronilso Pacheco: Eu nasci em uma família onde a espiritualidade e a religião sempre foram muito marcantes, aí quando eu comecei a

#### **01:13:43:19 - 01:15:01:05 - ON**

Ronilso Pacheco: me entender, enquanto gente, enquanto pessoa, eu fui trilhando o mesmo caminho da minha família, que tinha um terreiro no quintal da nossa casa, que era bastante visitado, frequentado. Mas tinha, talvez um fator que pesou um pouco pra eu distanciar, é que eu não tinha muita identidade com a minha idade, com a minha geração, não tinha muitas crianças, não tinha muitos jovens. Então, meu grupo de amigos, quase todos, oitenta, noventa por cento deles, eram, ou não tinham religião ou eram evangélicos e a gente se dava super bem. Então eu transitava naquele... frequentava aquele sábado de terreiro lá em casa e domingo ia com os amigos para a Igreja. Porque a Igreja tinha mais atividades para jovens, tinha teatro, festival de cachorro quente essas coisas que as crianças fazem. E isso foi me atraindo, foi meio que me dando sentido, me dando lugar, me dando pertença, essa valorização da juventude, desse espaço, desse convívio, e isso foi ajudando na minha migração, até eu fazer uma escolha definitiva, escolher o batismo e tudo mais. Meus pais não se opuseram, foi tudo muito tranquilo, nunca tive embate, ruptura, foi tudo muito tranquilo e assim eu escolhi

#### **01:15:01:05 - 01:15:13:19 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Ronilso Pacheco: a religião evangélica e fui me aprofundando, gradativamente. Como eu lido com o

#### **01:15:13:19 - 01:16:25:05 - ON**

Ronilso Pacheco: dinheiro. Como eu não tenho muito, eu não tenho muitas dificuldades. Mas, na minha vida particular ele serve pras coisas essenciais, do dia a dia, dá um pouco de conforto, mínimo, daquilo que eu gosto de fazer, mas também é algo que eu to o tempo todo tentando, me policiando, fazendo

com que não sirva apenas para mim, mas que também sirva para outros. Eu acho que isso tem um pouco a ver com a minha história. Acho que esse é um pouco da vantagem, da história, por isso que Jesus faz sempre essas comparações entre o pobre e o rico. Porque o pobre já nasce num contexto em que ele não tem muito, então, se ele achar que o mundo gira em torno dele, ele vai ficar sem nada. Você cresce naquele contexto do empresta, mas quando ... do irmão que pede emprestado, do vizinho que pede emprestado, mas quando você empresta sabe que tão cedo você não vai ver. É um gás que acaba e que empresta... Esse jogo que vai permitindo a gente tocar a vida, vai dando pra gente de outra concepção.

#### **01:16:25:05 - 01:18:23:23 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E PASTOR ISRAEL**

Sérgio Besserman: Marcos disse “Como é difícil entrar no reino dos céus, é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico ir para o céu”. Como você interpreta?

Pastor Israel Belo: Jesus mesmo interpretou esse texto quando ele contou uma parábola. Homem muito rico chegou então no seu celeiro, no campo agrícola, e disse “Bem, o celeiro tá cheio, só tem um jeito de resolver esse assunto: é fazer um outro celeiro, pra caber mais coisas”. Ele disse “Louco, esta noite vão pedir a sua alma... você vai morrer, pra quê, então, construir tantos celeiros? Pra quê?”. “Quem muito quer”, diz ele, “perde”. Querer demais esse estilo de vida, vai perdê-la. Então ele de fato interpreta isso. E, ao longo da história do cristianismo, o evangelho não é para pobres, é para pobres, é para ricos e é para remediados, para os sãos, para os doentes, para os homens, para as mulheres. Mas, ao longo da vida, a maioria que, inicialmente aderiu ao cristianismo, eram pessoas pobres. Porque os pobres não podem confiar na sua riqueza, porque não a tem. Mas o rico pode confiar na sua riqueza. Eu fico imaginando aquelas pessoas bilionárias que, tendo cometido uma infração no seu país, vão para a cadeia ou tem que usar a tornozeleira eletrônica. Ele é rico? Então acho que a simplicidade, uma pessoa rica pode ser simples, penso que deve ser a meta, o objetivo de cada um de nós, para que os nossos bens não nos consumos, nós que venhamos a consumí-los.

Sérgio Besserman: Uma forma muito instigante de colocar o tema.

#### **01:18:23:23 - VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO NO CAMINHO DO BEM**

#### **01:18:40:14 - VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR NO CAMINHO DO BEM**

#### **01:18:45:25 - 01:18:56:02 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sérgio Besserman: Algumas religiões demandam que seus representantes

#### **01:18:56:02 - 01:19:08:23 - ON**

Sérgio Besserman: façam votos de pobreza, como se a espiritualidade e o materialismo não pudessem coexistir. Mas será que o sucesso material não pode ser visto como um dos frutos da prática religiosa?

#### **01:19:08:23 - 01:19:27:20 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FESTA DE IANSÃ**

Júnior Oxoguian: Nós estamos no “iliashe omoiniê oniã”

**01:19:27:20 - 01:19:33:16 - ON**

Júnior Oxoguian: Uma casa de candomblé em Piabetá, no Rio de Janeiro e hoje aqui vai acontecer a

**01:19:33:16 - 01:19:45:07 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FESTA DE IANSÃ**

Júnior Oxoguian: festa de Iansã. O candomblé tem muito dessa questão visual

**01:19:45:07 - 01:20:02:01 - ON**

Júnior Oxoguian: muito dessa questão, que muitas vezes parece uma exuberância, parece uma valorização do belo, do perfeito, do melhor, do mais rico, de alguma maneira ele vai passar por esse caminho,

**01:20:02:01 - 01:20:15:28 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FESTA DE IANSÃ**

Júnior Oxoguian: mas isso não é condição. Um candomblé não é melhor do que o outro porque ele expõe mais riquezas ou mais beleza ou melhores roupas ou melhores contas, não é isso que fala de candomblé. Porque, o mesmo candomblé que se faz com roupas bonitas

**01:20:15:28 - 01:20:20:02 - ON**

Júnior Oxoguian: é o candomblé que se fará com roupas simples.

**01:20:20:02 - 01:20:28:00 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FESTA DE IANSÃ**

**01:20:28:00 - 01:20:48:12 - ON**

Júnior Oxoguian: Esse culto chega aqui muito humilde, obviamente. Ele vai chegar com valores que são muito mais próximos da terra, da terra, da simplicidade. Até porque o candomblé não era um culto escondido, não era um culto que fugia da polícia. O candomblé era um culto que fugia da repressão e ainda foge, de outra maneira, mas ele ainda foge.

**01:20:48:12 - 01:21:01:29 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FESTA DE IANSÃ**

Júnior Oxoguian: E, por mais que se pense a riqueza do candomblé, as roupas bonitas, a presença do ouro, das peças nobres,

**01:21:01:29 - 01:21:21:15 - ON**

Júnior Oxoguian: é preciso também considerar que, no momento do transe, no momento em que o sagrado interage encarnado entre os seus filhos, entre aqueles que vão direcionando e participando desse culto, ele pode tá coberto de ouro, o Orixá pode tá coberto de ouro, o Orixá pode tá com as melhores roupas, mas ele estará sempre de pé no chão.

**01:21:21:15 - 01:21:40:26 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FESTA DE IANSÃ**

**01:21:40:26 - 01:24:09:25 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E PASTOR ISRAEL**

Sérgio Besserman: O senhor acredita em alguma espécie de teologia da prosperidade, que, de alguma forma, a religião vai ajudar a pessoa a enriquecer, a resolver seus problemas financeiros? Há alguma relação entre a riqueza espiritual e material?

Pastor Israel Belo: Nós temos quatro cultos dominicais nas nossas igrejas, na nossa igreja. Todos os domingos os quatro cultos eu digo a mesma coisa, você não vai dar o dízimo para receber alguma coisa de Deus, você vai dar o dízimo com alegria porque já recebeu. Acho que essa é uma diferença central. O ensino da teologia da prosperidade - que não é um ensino cristão, ele é pagão, e o paganismo acaba adentrando, e o secularismo também, as igrejas - ensina que uma pessoa, vamos usar o termo evangélico, abençoada tem que ser rica. A benção de Deus deve ser também na área material, isso ensinam muitas pessoas, lamentavelmente. Uma das pessoas mais sãs que eu conheci, era um porteiro, pobre, quando eu queria tomar uma decisão na minha vida, eu já era pastor, ele membro da igreja, eu ia me aconselhar com ele. Ele era rico. E às vezes mais rico do que eu, porque era doutor em filosofia e ele me ensinava muitas vezes como eu deveria me portar. Então, a teologia da perversidade... olha eu, já troquei as palavras... a teologia da prosperidade é uma perversidade.

Sérgio Besserman: Um ato falho...

Pastor Israel Belo: É uma teologia perversa, os psicanalistas explicariam isso aí. Infelizmente, eu sou, assim, muito contrário, porque, inclusive, a teologia da prosperidade tem uma dimensão mágica da religião, "faz tal coisa, que o resultado é este", "aplique 10, que você vai ganhar 100". Eu vou ser muito franco também, viu Sérgio, eu acho que se assemelha a quem compra um bilhete premiado, então, se a pessoa ouve um pregador oferecer isso e compra, ele também tem sua responsabilidade. Mas eu lamento profundamente que pregadores prometam o que Deus não promete, o que a Bíblia não promete.

**01:24:09:25 - 01:24:17:12 - OFF IMAGENS DE COBERTURA FESTA DE IANSÃ**

Júnior Oxoguian: Porque aqui nós não temos uma

**01:24:17:12 - 01:25:50:01 - ON**

Júnior Oxoguian: fórmula mágica, no sentido de um pozinho de pirlimpimpim, não é isso. O candomblé não é isso. Ele pode te favorecer sim, na medida em que ele te alcilia a conduzir o seu destino, a viver a sua história, a seguir os melhores caminhos da vida, os melhores caminhos que a vida puder te oferecer. O candomblé vai ter a possibilidade de oferecer caminhos para que se construa a riqueza, o sucesso. Tem muita gente dentro de candomblé bem sucedida, então o candomblé ajudou essas pessoas, de alguma maneira. Mas, como qualquer religião, o candomblé não vai oferecer um roteiro básico, único, que ofereça o crescimento financeiro para alguém. Ainda que, se nós pensarmos uma situação social, boa parte das pessoas hoje pensam na questão financeira, quando pensam em destino e futuro, então o candomblé vai auxiliar no alívio de muitas dúvidas, no oferecimento de muitos caminhos, na intervenção do destino, para que isso te favoreça de alguma forma. E isso sim pode favorecer o crescimento deste adepto, deste religioso, desta pessoa que chega ao candomblé em busca de ajuda.

**01:25:50:01 - 01:26:02:16 - OFF IMAGENS DE COBERTURA SINAGOGA**

Sérgio Besserman: Rabino, no imaginário coletivo,

## **01:26:02:16 - 01:30:56:24 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E RABINO DARIO**

Sérgio Besserman: no Brasil, judeus seriam homens de posses, homens ricos. Além do imaginário, meu avô chegou aqui muito pobre, certamente os migrantes de modo geral assim o fazem, tão fugindo, sua família na Argentina deve ser igual. Porque essa imagem se consolidou?

Rabino Dario Blaler: Tem alguns elementos que vem de século atrás, e outros que tem a ver com a dinâmica na sociedade em que vivemos. Existe um preconceito de judeu como rico. Não só rico, rico no sentido negativo de se acumular, da avareza, isso tem a ver com o que eu explicava antes. Os judeus, não sendo cidadãos dos países que os recebiam, não tendo direito à terra e uma série de atividades dentro dessas sociedades, em muitos momentos, eles não tinham muitas opções de trabalho e, em muitos momentos, por exemplo, se dedicaram a cobrar os impostos dos reis. Portanto, a figura do judeu era identificada, rapidamente, com aquele que pega o dinheiro das pessoas para levar para o rei. Dessa forma, foi-se criando uma imagem que, evidentemente, o anti-semitismo foi carregando e também formando para demonizar o judeu e colocar ele no lugar de não trabalhar, de ficar com a riqueza dos outros, de que os dramas que as populações sofriam tinham a ver com a figura do judeu que ficava com os seus ganhos. Isso foi se alimentando. Em muitos casos por ignorância, em muitos outros uma pretensão concreta de querer colocar o judeu nesse lugar, e um pouco tem a ver com isso. Outro pouco, seguramente tem a ver com o que, em muitos casos, nem sempre, evidentemente, mas em muitos casos, os judeus conseguiram prosperar. Ok, dar uma receita única de porque isso aconteceu seria como dar a receita da felicidade ou de ser bem sucedidos. Seguramente, essa geração de imigrantes chegaram a países que tinham um potencial de crescimento e uma pessoa que trabalhava e se esforçava tinha a possibilidade de crescer muito mais do que vemos hoje em dia. Por outra parte também...

Sérgio Besserman: Desculpa te interromper, mas o imigrante, aquele judeu ou não judeu, é aquele que teve a coragem de fazer a travessia, de ir com a família enfrentar o mundo, então ele é um trabalhador, assim...

Rabino Dario Blaler: É verdade, a história, que você falou, a minha família chegou à Argentina junto com tantos imigrantes espanhóis e italianos e a história do imigrante judeu não té tão diferente da do italiano e do espanhol. Quer dizer, prosperaram de forma similar e outros não prosperaram. Mas, quero dizer, não porque seja judeu prosperou mais do que o italiano ou o espanhol, mas também, eu acho que existe, na cultura judaica, um vínculo tão estreito com o conhecimento, com o estudo, que eu considero que aí também temos uma resposta. Como que, investir no estudo, na formação, fez sempre parte do imaginário judaico. Tem a piada da mãe judia, tão orgulhosa de seus filhos que levava-os para o parque e uma outra mulher se aproxima e pergunta “os seus filhos, quantos anos eles têm?” e ela fala “o médico tem dois e o advogado tem quatro”. Isso faz parte da identidade judaica, de estudar...

Sérgio Besserman: Estou pensando na minha mãe.

Rabino Dario Blaler: Também.

Sérgio Besserman: Muito interessante essa colocação, especialmente porque, nos últimos séculos, poucos séculos, e mais do que nunca no atual século, cada vez mais o conhecimento passou a ser a coluna vertebral, não era no início, talvez fossem posses, mas hoje o homem mais rico do mundo não tem uma fábrica de trator, ele inventou um software. Então, essa ligação com o conhecimento acaba também tendo um vínculo com a prosperidade e aí pode ter reforçado esse estereótipo.

## **01:30:56:24 - VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO NO CAMINHO DO BEM**

## **01:31:13:17 - VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR NO CAMINHO DO BEM**

### **01:31:18:29 - 01:31:33:04 - ON**

Sérgio Besserman: Dinheiro é importante para todos, inclusive para as próprias organizações religiosas. Será que cultivar a religiosidade pode nos ajudar a ter uma relação equilibrada com o dinheiro e o consumo?

### **01:31:33:04 - 01:31:45:07 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sérgio Besserman: Como so senhor vê

### **01:31:45:07 - 01:35:37:22 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E PASTOR ISRAEL**

Sérgio Besserman: o dízimo, como uma forma de sustentar a Igreja e a instituição ou com outro papel...

Pastor Israel Belo: Jesus nos deu uma instrução, “Vão, por todo o mundo, e preguem as boas novas”.

Isso demanda dinheiro. Então, o dízimo é uma maneira da Igreja, recebendo, de cada um dos seus membros, os dez por cento, ir ao mundo e obedecer ao mundo. No entanto, surpreendentemente, a maioria dos protestantes não é dizimista. Só uma parte é dizimista, talvez, aí, em torno de 40%. Mesmo assim, não sabemos se esses quarenta por cento é dizimista, porque se o dízimo é de dez por cento, ninguém sabe quanto ele ganha, logo não sabe se ele dá onze, nove ou oito por cento. Mas ainda, o dízimo, Sérgio, você que é da área de economia, tem uma dimensão pedagógica fortíssima, que é a do planejamento financeiro. Se eu ganho 100% e eu posso viver com 90%, porque 10% eu entreguei para o dízimo, eu posso viver com 80%, eu aprendo que eu não tenho 100%. Há uma dimensão, então pedagógica, que me leva a poupar outros 10 ou 20%, eu sou obrigado a tratar do assunto do dinheiro com uma outra perspectiva. Em terceiro lugar...

Sérgio Besserman: Pastor, deixa eu lhe dizer, como economista, tá num nível bem menos rico do que as suas palavras, mas, eu trabalho em um banco público e um dos princípios é esse. Se a pessoa recebe o dinheiro emprestado, mas ela não punha uma parte dela, o grau de responsabilidade e de envolvimento, o que você chamou de planejamento financeiro, não vai funcionar. Então, sempre ela tem que por... se não é calote ou falta de preocupação

Pastor Israel Belo: Se não é calote certo...

Sérgio Besserman: Se não é calote ou falta de preocupação.

Pastor Israel Belo: Por isso o apóstolo Paulo diz o seguinte “Não contribua por imposição ou por tristeza, mas com alegria no seu coração. Cada um contribua segundo propôs no seu coração”. Infelizmente, lamentavelmente, tragicamente, por causa de teologia, da falsa teologia da prosperidade, de ideologia da prosperidade, pagã, há pregadores que tornam o dízimo algo obrigatório. Eu, na nossa igreja, por exemplo, uma igreja de 1700 membros eu não sei quem é e quem não é, não quero saber, porque eu quero tratar as pessoas do mesmo modo que eu sou tratado. Se ela é dizimista e me procura, eu vou tratar de igual modo aquele que, por ventura, não é. Como eu não sei, eu não sou nem tentado a tratar uma pessoa diferentemente da outra, todos são completamente iguais, eu devo me dedicar ao máximo para cada uma delas, dentro das minhas possibilidades de tempo e de conhecimento. Então, o dízimo, não é entendido, pelas pessoas de fora das igrejas, historicamente, digamos assim, pensando como se fosse uma espécie de obrigação, como se fosse a mensalidade de um clube. Não há nenhuma cobrança. Não se paga o dízimo, é uma entrega voluntária.

Sérgio Besserman: Ou, como o senhor disse antes...

Pastor Israel Belo: Nem um investimento

Sérgio Besserman: nem aquela ideia de que eu dou o dízimo porque vou receber.

Pastor Israel Belo: Nós chamamos o dízimo de o momento da gratidão e da fidelidade, só isso.

#### **01:35:37:22 - 01:35:48:03 - OFF IMAGENS DE COBERTURA RONILSO TRABALHANDO**

Ronilso Pacheco: Nossa ideia de dízimo, por exemplo, é que não é para cuidar da comunidade,

#### **01:35:48:03 - 01:36:36:26 - ON**

Ronilso Pacheco: não é pra gente ter ar condicionado, não é pra gente ter cadeiras lindas, isso, numa comunidade pequena ajuda né, é que ele ajuda a servir as pessoas, você ter alguém na sua comunidade que, naquele momento não conseguiu fazer a compra do mês, que o marido ficou desempregado, que a mulher ficou desempregada, que o filho tá correndo o risco de ficar sem a escola... e o dinheiro circula dentro daquele projeto. Quando eu entrego, eu entrego não imaginando que eu vou chegar domingo que vem e ter uma tevê de plasma pra poder transmitir a pregação do pastor, mas porque, ao longo do mês, eu sei que as necessidades vão surgir e o dinheiro tá ali, circulando na comunidade, ajudando, fortalecendo uns aos outros, daqueles que têm menos, ajudando. Então, eu tento criar essa lógica com o dinheiro.

#### **01:36:36:26 - 01:37:00:18 - OFF IMAGENS DE COBERTURA SINAGOGA**

MUSICA

#### **01:37:00:18 - 01:40:17:24 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E RABINO DARIO**

Sérgio Besserman: Rabino, nos explique o conceito de “tsedaka”. É um pouco parecido com o dízimo, em religiões cristãs, do que se trata?

Rabino Dario Blaler: A “tsedaka” vêm da palavra hebraica “tsedek” que significa justiça. Portanto, a forma mais apropriada de traduzir “tsedaka” seria uma justiça social. Existem muitas normas, muitas leis, na tradição judaica, vinculadas a “tsedaka”. São normas muito específicas, muito concretas, como “estar presentes na construção social, fundamentalmente atentos às necessidades dos menos favorecidos” e os menos favorecidos na época bíblica eram os estrangeiros, que não tinham terra para trabalhar, portanto, como se ganhar seu sustento, eram as viúvas, os órfãos, por não ter, em sociedade mais patriarcais, um homem que possa sustentar eles. Em todos esses casos, a comunidade assume a responsabilidade, a partir de práticas de ajuda, mas não como ajuda, mas com a ideia, com o critério, de que o que eles estão fazendo não é outra coisa do que a justiça. Eles não se consideravam eticamente superiores, moralmente mais elevados por estar fazendo isso, consideravam, ou consideramos, porque são práticas completamente atuais também, que é uma obrigação, e ponto final.

Sérgio Besserman: Não é uma contribuição para uma instituição religiosa.

Rabino Dario Blaler: Também, muitas vezes, você não tem isso, as pessoas necessitadas e você contribui para uma instituição e ela se encarga de distribuir, isso tem.

Sérgio Besserman: Mas não para o acúmulo de bens da instituição.

Rabino Dario Blaler: Não. Sim, existem donativos para instituições, para que possam funcionar, que evidentemente também é necessário. Existem aportes de diferentes tipos. Falando especificamente da “tzedaka”, tem a ver com ...

Sérgio Besserman: Justiça social.

Rabino Dario Blaler: E, para te dar um exemplo, a tradição judaica se pergunta “ok, como definimos quem tem o suficiente como para estar obrigado a dar e quem tem a necessidade para...”

Sérgio Besserman: Isso já é uma discussão bem masi...

Rabino Dario Blaler: Sim, 2000 anos tem essa discussão, aparece na “Mitznah” texto do século dois da nossa era, já aparece essa pergunta. E a resposta é que uma pessoa, se tem o suficiente para duas refeições diárias, ele já está obrigado a dar. Ao mesmo tempo, podem ter uma série de carências e também tem o direito de receber, mas se tem, no mínimo para duas refeições diárias, ele já pode dar a sua parte para quem não tem e ao mesmo tempo vai receber tudo o que precisa. Dessa forma, se criaria uma sociedade na qual todos têm, ou quase todos têm, ao mesmo tempo que todos os que precisam possam receber também.

#### **01:40:17:24 - 01:40:25:28 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Sérgio Besserman: Nós poderíamos então dizer...

#### **01:40:25:28 - 01:44:09:14 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E HELIO DALDEGAN**

Sérgio Besserman: que essa compreensão da física quântica, de certo modo, resgata a espiritualidade ou resgata o saber derivado da espiritualidade ao longo do tempo?

Helio Daldegan: Eu diria que sim, porque, se você parte do princípio de que não há matéria, de que materialismo é, na verdade, uma superstição que não se fundamenta, que é a superstição da matéria. Se você começa a perceber, cientificamente, que isso não tem nenhum fundamento científico, quer dizer, que esse conceito não se fundamenta, eu acho que isso tem que ter um efeito grande.

Sérgio Besserman: O senhor acha que este conhecimento, dessa nova conversa, desse nosso aprendizado que eu e os telespectadores estamos tendo, transforma a realidade social, transforma a realidade humana, a histórica?

Helio Daldegan: Sem dúvida nenhuma, nós criamos nossa realidade e, como grupo, quanto maior o grupo de pessoas que estão na mesma crença, maior a influência na criação da realidade, sem sombra de dúvida. Isso é fato. Não dá mais para você negar isso, você tem que escapar do egoísmo, se não você não consegue. Porque o egoísmo tá contrário a tudo, não é, com tudo não, o egoísmo não leva à felicidade em si, o egoísmo é um modo como você pode... o egoísmo não, o ego... então, é preciso se libertar disso, é preciso, realmente...

Sérgio Besserman: Nesse mundo de sal, de todo mundo expondo a sua vida e tentando criar o seu próprio ego, através da exposição dele, nós estamos falando de tendências radicalmente contrárias ao que tá acontecendo.

Helio Daldegan: Sim, sem dúvida, porque, se a gente aceita o fato de que o universo é interconectado. Existem algumas frases na Bíblia cristã que eu acho muito interessantes com relação a esse assunto né, de como você interfere na realidade, como é que você pode ir... você partiu daí na sua pergunta. Eu acho o seguinte, tem aquela frase “seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”. É como se, essa realidade que está acima de tudo, se ela tivesse uma ordem, uma ordenação, tivesse um sentido,

então você deve buscar aquilo que está de acordo com o sentido universal, aonde você se inclui. A outra frase “faça a ti mesmo aquilo que espera que façam aos outros” também é importante, a lei de ouro, dentro desse contexto. E a outra “tranquilizai-vos e sabeis que sou Deus”, porque, porque a mente, enquanto não estiver tranquila, está com medo, e o medo, sendo o oposto do amor, te afasta do fundamento de tudo que existe, que a gente acredita que seja o amor incondicional, aquele amor que transcende. Se você consegue se acalmar, se você entra em harmonia você está entrando em harmonia com a fonte, então você facilita muito mais conseguir aquilo que você deseja, aquilo que você quer, que você transforme em realidade na sua vida, na vida dos outros, as pessoas com quem você convive, o seu grupo, que na verdade deveria ser um só, incluindo a ecologia, incluindo as árvores, os animais, porque tudo faz parte da mesma coisa, que é parar de destruir tudo isso e colaborar, para que, em uma colaboração maior, tudo possa florescer, que ai sim vem a felicidade.

**01:44:09:14 - 01:44:20:24 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Natália Coutinho: É, a minha profissão...

**01:44:20:24 - 01:44:43:28 - ON**

Natália Coutinho: eu sou visual merchandising, então eu tenho que gerar desejo de compra nas pessoas. Então é complicado, porque eu mesma, às vezes, caio na minha própria armadilha. Eu tenho que tá bem atenta, porque eu tenho um acesso mais fácil para comprar roupas, pra comprar o que eu quero, eu sou bombardeada de informações, o tempo todo.

**01:44:43:28 - 01:44:59:05 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

Natália Coutinho: É difícil lidar com isso, não é fácil não. Budismo é fundamental nessa transformação, porque o budismo é uma prática onde você tá fazendo uma cerimônia para a sua própria vida, é a observação da sua própria mente.

**01:44:59:05 - 01:45:19:23 - ON**

Natália Coutinho: Então, todos os dias, quando eu sento no meu oratório, para fazer o meu mantra, para fazer o sutra, eu to fazendo uma cerimônia para a minha própria vida, eu to me observando, é um tempo que eu tiro para mim. Eu to me conectando com o universo, estou elevando o meu estado de vida. Então, a prática foi fundamental.

**01:45:19:23 - 01:45:22:13 - OFF IMAGENS DE COBERTURA**

**01:45:22:13 - 01:49:45:00 - ON ENTREVISTA SÉRGIO BESSERMAN E RABINO DARIO**

Rabino Dario Blaler: Voltando ao texto bíblico e a realidade de Adão e Eva, nós podemos ler a criação do homem com duas leituras diferentes, no capítulo um do gênesis está escrito que Deus primeiro cria, durante os primeiros dias de criação, todo o universo, e, por último, cria o homem e a mulher para senhorear, nessa criação. Quer dizer, para ser os donos, para ser os reis, para usufruir, para ser consumidores de tudo que estava a sua disposição. Esse primeiro modelo do gênesis é um modelo de consumidores. Quando a gente abre o segundo capítulo do gênesis, na página seguinte, já o modelo é completamente contrário, já o homem não foi o último a ser criado, mas foi o primeiro, porque a lógica

é se você não vai ter um homem e uma mulher para cuidar desse jardim, para trabalhar essa terra, quem vai fazer isso? Não faria sentido primeiro criar todos os outros objetos do universo sem ter alguém que trabalhe e os cuide. Quer dizer que o segundo modelo de ser humano já não é ser rei, de senhor, de consumidor, mas de trabalhador, de pessoa responsável que, com seu esforço e seu trabalho, deve cuidar e deve proteger o que nos foi dado. E não apenas para usufruir, mas, fundamentalmente, para cuidar.

Sérgio Besserman: E o mesmo com relação a acumulação de dinheiro, é claro.

Rabino Dario Blaler: Sim, mas para dar um exemplo bem concreto, a Torá fala do ano sabático. A cada sete anos, a terra não pode ser trabalhada, você trabalha a terra durante seis anos e, no sétimo ano, a terra descansa. Naturalmente vai cuidar dando frutos, porque uma terra em que você trabalhou bem durante seis anos, mesmo no sétimo ano, em que você não trabalha a terra, ela vai naturalmente continuar dando seus frutos. E outro aspecto fundamental desse ano sabático é que você poderia ser dono dessa terra, durante seis anos, no sétimo ano o conceito é que você não é mais dono. Depois, no próximo ano começa o ciclo de novo e você volta a ser dono, mas o conceito é que neste sétimo ano você tem tanto direito à terra quanto as pessoas sem recursos que moram na periferia que não tinham terra na sua propriedade. Então, nesse sétimo ano, você e eles têm direito por igual de entrar e pegar o fruto dessa terra. Aliás, durante os seis anos anteriores, também, a lei da Torá de como trabalhar a terra, era que você só poderia pegar do centro para a parte de fora do campo deixando dessa forma os quatro cantos do campo sem recolher o fruto, para que as pessoas pobres sem recursos possam entrar e pegar. E você deixava as pontas para que eles não tenham que passar pela vergonha de atravessar o campo inteiro, de as pessoas verem eles entrando para pegar. Então você deixava as quinas, os cantos. Agora, nesse sétimo ano, você que é dono da terra e o outro que é pobre têm direito por igual. E a Torá diz, você tem direito a pegar desse produto que a terra está dando e levar para dentro da sua casa, acumular, a pergunta que você colocou. Você tem direito a acumular dentro da sua casa, sempre que no campo tenha também para quem entra que possa pegar.

Sérgio Besserman: Se alguém tiver fome, você não pode...

Rabino Dario Blaler: Sim, no momento em que no campo acabou, você está obrigado a tirar do que você tinha guardado dentro da sua casa e voltar a levar para fora para que seja também democratizado para todo mundo. Então, nada contra acumular, nada contra, mas que seja de uma forma mais equitativa e mais justa. O judaísmo claramente não faz um louvor da pobreza, não se interpreta que Deus gosta mais dos pobres, absolutamente não. Mas, sim, a Torá permanentemente nos coloca a ideia de que todos somos responsáveis para que a ninguém lhe falte nada. Não precisamos você e eu ter o mesmo, mas os dois precisamos ter o suficiente.

Sérgio Besserman: Porque se alguém estiver sem, nós temos que...

Rabino Dario Blaler: Sim, sim é nossa obrigação.

**01:49:45:00 - 01:50:18:00 - CRÉDITOS DE ENCERRAMENTO**